

EPILEPSIA, MICROPOLÍTICAS E INCLUSÃO: O SENTIDO DA DOCÊNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA POSSÍVEL

Matheus Modesto de Azevedo
Professor do Ens. Fundamental I
Secr. Municipal de Educação de Miracema RJ
matheusmodestodeazevedo@hotmail.com

Eixo: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas
Pôster de Pesquisa

Resumo: Os tensionamentos e/ou inquietudes presentes na escola como relações que ressaltam a complexidade do lidar são parte inerentes àquela natureza. Esse trabalho retoma o sentido da docência numa tentativa de sublinhar a dimensão pedagógica articulada ao contexto da sala de aula. Nesse sentido, o foco de nossos estudos abre-se a análise da responsabilidade docente frente a acolhida de uma criança com epilepsia na escola pública do ensino regular. A necessária reflexão acerca da inclusão diante da diversidade na escola numa tentativa de desconstruir estigmas (Goffman, 1963), torna possível a inclusão como um novo paradigma (Mantovan, 2000), que fundamenta a educação como um direito subjetivo, enfraquecendo mecanismos exclusivos e segregatórios antes imperativos. As micropolíticas em Deleuze e Guattari (2012) numa tentativa de traçar um caminho de afetividade e efetividade tecem o cotidiano tornando possível uma escola que enxerga nas diferenças espaço mediador e promotor do diálogo (Rodrigues, 2013). Numa proposta de caráter qualitativo, essa pesquisa adjetivou-se como um Estudo de Caso, por consolidar um estudo com mais profundidade de investigação (Goode e Hatt, 1973). Como resultado, enxergamos no papel docente a fonte transformadora do espaço escolar em palco significação das subjetividades e campo de enfrentamento constante para a construção de uma escola inclusiva capaz de produzir saúde, vida e conhecimento. Crianças com epilepsia constituem um desafio para a escola, mas sobretudo para o contexto cotidiano da sala de aula, no entanto, demonstramos a possibilidade de alunos com essas singularidades frequentarem a sala de aula e terem sucesso em seus estudos.

Palavras-Chave: Epilepsia. Micropolíticas. Inclusão.

Introdução

A educação especial numa perspectiva inclusiva tem sido centro de debates que na atualidade superficializam interlocuções que vão dos desafios às possibilidades. Verdade seja dita, inclusão num sentido amplo redimensiona a lógica de uma escola que retoma seu fundamento do ensino de tudo a todos totalmente.

Aprender enquanto um direito subjetivo enxerga na Escola Inclusiva um lugar de esgotamento de possibilidades, que defronta e descontrói teses que numa perspectiva obsoleta de escola defendem um cenário de ceticismo.

Na recepção de uma criança com epilepsia na escola, com inúmeras crises convulsivas, desconfortos e questionamentos tornaram vigente naquele ambiente, fazendo repensar a estrutura da escola e sobretudo a postura docente, nessa conjuntura percorremos uma via na tentativa de (re)pensar a diferença e o direito de aprender com os diferentes.

De acordo com Roriz (2009), a epilepsia consiste em um transtorno neurológico resultante de doenças ou disfunções no sistema nervoso central, que tem por características convulsões frequentes e espontâneas. Entretanto, até hoje neurologistas especialistas argumentam e defendem a não existência de uma definição que seja completamente satisfatória sobre a epilepsia (SOUZA; GUERREIRO; GUERREIRO, 2000).

Os autores Riggs e Riggs (2205) certificam que um número reduzido de doenças chamou tanta atenção e impulsionaram tanta polêmica quanto a epilepsia. De acordo com eles, a literatura é bastante vasta e precursora das neurociências e da diferenciação explícita entre práticas culturais, religiosas mágicas e científicas.

A diferença no mundo por vezes, é tomada em sentido depreciativo, que se aprofunda com veemência quando as diferenças inerentes à natureza humana são deslocadas para o campo das desigualdades. A subjetividade humana calcada numa visão que encara o outro enquanto um ser marcado por uma característica que destoia do padrão socialmente e historicamente construído transforma a diferença em “doença” e “problema”.

A problemática então, acontece quando a criança passa de uma pessoa normal com epilepsia a ser uma “criança epilética”. (FERNANDES; SOUZA, 1999). A esse processo que insere no outro um rótulo, uma marcação onde delimita a diferença

nomeamos estigma, numa tentativa de empreender uma análise que entende essa marcação enquanto um lugar de depreciação do outro por algo que faz parte de sua singularidade. O que fazemos é a desconsideração de uma criatura comum e total, “reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (...)” (Goffman, 1975 p.12).

Ao refletir sobre o sentido da docência frente a diversidade na escola pública, Rodrigues (2013, p. 49) retoma a dimensão pedagógica, que se assegura na figura do professor como aquele que “vira aprendiz da singularidade de um processo de aprender”, sendo assim, fazendo nos pensar nos diversos modos, formas e tempos de aprender dos alunos e caracterizando isso como um encontro significativo.

Referencial Teórico

O direito de aprender e conviver com as diferenças numa perspectiva inclusiva, enquanto um novo paradigma que se fortalece na inclusão pela abertura da escola a crianças que antes poderiam permanecer fora dela, trata-se de um movimento mundial, alicerçado na ética e na valorização da diversidade.

Transpondo para o campo teórico, fazemos uma interpretação dos estigmas como lugares de redução do outro pela depreciação de um atributo característico subjetivo (Goffman, 1975). Nessa lógica, refletimos sobre conceitos de desvalorização do outro pelo viés da segregação que evidencia e potencializa os preconceitos existentes na escola.

De modo conceitual, numa busca de entender a “doença epilepsia”, convidamos Roriz (2009), (SOUZA; GUERREIRO; GUERREIRO, 2000) e Riggs e Riggs (2205), para elucidar acerca dessa temática que se demonstra complexa, cabendo demarcar que a epilepsia não foi o objeto de esgotamento dos nossos esforços nesse ensaio.

O processo de transformação da escola em um escola possível não acontece ou acontecerá com agilidade, contudo, entendemos que o caminho viável pode se dar pelo sentido da docência (Rodrigues, 2015) no ensino para com a diversidade, tratando de na figura do professor assegurar o movimento que pela responsabilização supera os mecanismos excludentes escolares, atrelado as micropolíticas (Deleuze e Guattari, 2012) que tecem o cotidiano concebendo a novas práticas refutando a homogeneidade, o preconceito, a lógica meritocrata que constituem entraves para as perspectivas inclusivas em educação.

Apoiamo-nos em GOODE e HATT (1973), para compor a metodologia que se caracterizou-se como um Estudo de Caso, os autores puderam contribuir afim de empreendermos uma positiva interpretação da realidade e construir com segurança e ética toda essa pesquisa.

Metodologia

Dentro de uma proposta qualitativa de pesquisa, esse ensaio adjetivou-se como um Estudo de Caso, que de maneira geral, conceitua-se como um estudo de um objeto com mais profundidade, e que se torna viável de forma ampla e com riquezas de detalhes o conhecimento em relação ao fenômeno a ser explorado, sendo uma tarefa difícil e impossível, se alicerçado em outros métodos de investigação, como afirmam Goode e Hatt (1973).

Os autores antes citados, destacam o caráter do Estudo de Caso como um instrumento de dispor dados e organizar informações, em números e detalhes tanto possível, por isso o estudo é capaz de guardar seu caráter unitário.

Esse trabalho teve seu desenvolvimento numa escola pública de ensino regular, de uma cidade do interior do Estado de Rio de Janeiro, tendo Leonardo (nome fictício) como a criança que é foco de nossos estudos. O professor da classe tem seu primeiro contato com o aluno no no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental (1º

segmento), dessa forma, essa criança estava no início de seu processo de alfabetização.

Desenvolvimento

Leonardo era dotado de uma inteligência extraordinária. Desde o início de seu processo de alfabetização demonstrava enorme desejo de ler e escrever para interpretar tudo quanto fosse signo que o mundo expusesse, seja em jornais, livros, outdoors, panfletos, bíblia. Trazia sempre consigo um conjunto de enciclopédia de geografia, sempre lia a partir da imagem e uma vez que algum adulto tivesse lido para ele e dizia: “- Essas bandeiras são dos países da Terra, de todos os países, Olhe quantos países existem na Terra. Muitos ne?”

Chegando ao final do ano, Leonardo capaz de decifrar as letras, traz sua mala com todo esse artefato enciclopédico e lê para seus colegas, afim de demonstrar que já dominava a leitura e a escrita e compreendendo ainda que de forma pré-matura suas funções.

No ano seguinte, Leonardo é acometido de uma forte crise e fica por dias no hospital. Até então, a família julgava como uma situação corriqueira, sem importância. No entanto, os médicos alertam os avós de Leonardo (que são quem tem sua guarda) e isso os deixam numa situação de muita compaixão e temerosidade. A partir daí com bateria de exames chegam a um provável diagnóstico de epilepsia.

A condição dessa doença transforma por complexa a vida de Leonardo, de sua família à escola. Leonardo tinha consultas frequentes a equipes médicas por vezes na cidade onde morava ou até mesmo na capital, Leo tinha uma rotina bastante exigente.

A ausência das aulas o prejudicava em diversos sentidos, mas ressalto o aprofundamento de seu comprometimento na aprendizagem.

Posteriormente a todo esse processo, Leonardo tem uma grande mudança, um aluno cheio de vida e personalidade, torna-se um aluno que não intervém mais nas aulas, não demonstra interesse como antes, dorme em sala, fica paralisado olhando para o “nada”, tem tremores frequentes que prejudica seu processo de escrita, entre outros...

Diante de um caso que trouxe tanta inquietação e angustia pela não-saber-lidar na escola, procuramos aliados à família e às proposições médicas construir um escopo de mudanças que dessem àquela criança uma dignidade para garantia de sua aprendizagem.

A mobilização por parte da escola foi fundamental para a permanência daquele aluno na sala de aula, diante de tanto temor e interrogações, houveram transformações afim do espaço escolar ser um espaço eminentemente inclusivo.

No entanto, a sala de aula regular, lugar de enfrentamento constante com a diversidade, e em particular esse caso, foi palco de grande (re)pensar e (re)fazer. A responsabilidade docente traz consigo a possibilidade de mudanças práticas, mas antes há que se ter consciência dos benefícios daquele que se quer estruturar. O crédito na figura docente, enquanto um mediador das complexas relações que se estabelecem e desafiam o contexto da sala de aula torna a escola inclusiva um lugar onde convergem caminhos de esperança ante discursos assegurados em limitações e impossibilidades dessa escola necessária.

Conclusões

Desconstruir estigmas, que sempre operam na redução dos sujeitos, dotados de implicações que constroem sua identidade é um processo que associado a lógica da inclusão favorece garantias de condições de pensar a escola, mas também a sociedade como parte de um todo, onde a diversidade humana é caracterizada pela multiplicidade, seja de sentir, aprender, ser...

Micropolíticas são acontecimentos pequenos, simples e quase que invisíveis, mas entranhados em uma potência que é capaz de transformar o que se almeja. Por isso, micropolíticas são tratamento afetivos e efetivos que refuta com o instituído inaugurando a novidade.

Tratando de pensar a escola possível no enfrentamento de uma criança com epilepsia, buscamos entender que a centro da escola nunca deve ser a doença, a deficiência, a diferença, mas a pessoa, que é onde a vida se realiza, de forma que o espaço escolar construído de significados que extrapolam os currículos e os planos seja composto por um ideal de escola que fixa no possível parte de sua cultura.

Os laudos e diagnósticos são de extrema importância para o tratamento, mas sobretudo, para o sujeito se compreender como diverso entre tantos outros no mundo, entretanto, quando estes exercem função de passaporte onde o limite e o preconceito o entranham, estaremos operando em uma escola que servirá competentemente às funções segregatórias famigeradas em outros setores na sociedade.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FERNANDES, P. T; SOUZA, E. A. P. **Inventário simplificado de qualidade de vida na epilepsia infantil: primeiros resultados**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria; v. 57, n. 1, p. 40-43, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

Goode, W., & Hatt, P. (1973). **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos/** Maria Teresa Eglér Mantoan, Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, organizadora. – São Paulo: Summus, 2006. – (pontos e contrapontos)

RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. **Reflexões em torna do Sentido da Docência Frente à Diversidade na Escola Pública do Século XXI.** In: ANDRADE, Everaldo Paiva de. (Org.) A formação de professores pela mão dos formadores: política, currículo e cotidiano nas licenciaturas da UFF. Niterói: EDUFF, 2015, p. 39-59.

RORIZ, T. M. S.. **Epilepsia, estigma e inclusão social/escolar: reflexões a partir de estudos de casos.** 2009. 156 pág. Tese. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto –SP, 2009.

RIGGS A. J., RIGGS J. E. **Epilepsy's role in the historical differentiation of religion, magic, and science.** Epilepsia, v. 46, n. 3, p. 452-453, 2005.

SOUZA, E. A. P., GUERREIRO M. M., GUERREIRO, C. A. M. **Qualidade de vida.** In: GUERREIRO, C. A. M., GUERREIRO M. M.; CENDES F.; CENDES I. L. Epilepsia. São Paulo: Lemos Editorial, 2000. p. 223-229.